

## TEMPOS MÁGICOS

Por: Everaldo H. Loss

Em minha condição de matuto incorrigível e, como tal, de eterno saudoso de coisas da roça, uma das lembranças mais arraigadas nos escaninhos de minha mente está associada ao Dia dos Santos Reis, cuja comemoração se dá a 6 de janeiro.

Aliás, o ponto alto das festividades era, mesmo, na noite de véspera, quando grupos de colonos fantasiados de reis costumavam sair com os respectivos séquitos pelas estradas noite adentro, a cantar de casa em casa para anunciar a todos o nascimento do Salvador.

Mais especificamente, e a despeito do longo tempo decorrido, ainda recordo praticamente tudo o que se passou na primeira reisada a que tive a ventura de assistir. O palco dos acontecimentos foi a própria casa onde nasci, um recanto então bucólico e cheio de vida, mas de há muito transformado em pastagem, sendo improvável ainda existir qualquer sinal de nossa passagem por lá.

Na ocasião, início de 1942, eu mal havia completado 4 anos de idade, daí acreditar que, tanto eu como meus irmãos então presentes ao ato, houvéssimos conhecido *pessoalmente* os três monarcas. E tudo começou quando, na calada da noite de 5 para 6 de janeiro daquele ano, meu irmão logo acima, o penúltimo de meus quatorze irmãos, decidiu tirar a limpo se não estaria sonhando ou se o que porventura estivesse ouvindo não seria apenas fruto de sua imaginação fértil; de tal modo que, após me chamar em surdina por uma ou duas vezes, achou de me acordar na base de safanões nem um pouco fraternais:

— Q... Que foi???... — assustei-me, no pressuposto de a casa estar desabando.

— Shhh!... — pediu silêncio e cochichou em meu ouvido: — Tá ouvindo a música?

— Que música?! — cochichei de volta.

— Parecem vozes... acho que é gente cantando... Preste só atenção!...

Prendo a respiração e me quedo imóvel. De início não tive certeza, mas, em dado momento, um longínquo e quase imperceptível coro polifônico de vozes transpõe a escuridão e me chega aos ouvidos, em breve onda que logo perde a intensidade e desaparece.

Passam-se alguns instantes e eis que os sons retornam, e desta vez mais audíveis e duradouros. Porém, a onda do mesmo modo se desvanece e de novo advém o silêncio.

Atento ao vaivém dos sons, conjeturo abrir a janela para dar uma olhada; mas desisto, com medo de morcegos que por vezes davam de circular acima do terreiro na boca da noite, e nada assegurava que àquela hora ainda não estivessem por perto. Ademais, o barulho poderia acordar meus outros irmãos e isso seria como pedir para levar uma escovada. O mesmo se eu saísse Tateando e subisse ao sótão, o assoalho ou os degraus da escada podendo dar estalos e chamar a atenção: “Volte a dormir, menino!!!”, tremia só de pensar na voz potente de meu pai a trovejar pelos quatro cantos da casa imersa em trevas. Em resumo, eu tinha pelo menos duas boas razões para esquecer os cânticos e deixar o peso das pálpebras fazer o resto.

Mas não creio que tenha chegado a dormir de novo naquela noite. Lembro-me, isto sim, de após alguns instantes ter ouvido passos, seguidos do tênue resplendor de uma luz a insinuar-se pela porta, e do tremeluzir da chama de uma lamparina a delinear o perfil de alguém muito especial:

— Mamãe?!...

Seu rosto parecia iluminado, e não era apenas por causa da lâmpada que portava e cuja chama cuidava de proteger com a mão em concha. A luz inunda palidamente o cômodo e só então percebo estar sozinho:

— Aonde foram todos? — estranho, olhando para as camas vazias. — E que cânticos são esses?...

— São os Reis Magos! — mamãe responde, efusivamente, dando-me a sensação de algo inusitado estar para acontecer.

— Reis o quê?!...

— Reis Magos! — repete no mesmo tom jovial. — Devem passar ali embaixo, no caminho principal!... — acrescenta, deixando-me algo confuso.

Obviamente, alguma coisa eu já sabia da história desses santos, porque associados ao Natal e ao que por vezes entreouvava a respeito de presépios. Contudo, tinha noção de serem personagens de tempos imemoriais, de quando Jesus era apenas um bebê; e, além do mais, oriundos de lugares muito, muito distantes, razão porque não conseguia atinar como pudessem estar em nossa época e a cantar noite adentro pelas veredas daquele rincão isolado de tudo e todos.

— E meus irmãos?! — olho de novo para o lado.

— Estão no sótão. Foram ver os reis passarem com sua comitiva — respondeu, os olhos ainda a brilhar e a refletir a chama incerta da lamparina. — Você não gostaria de subir também?

Não foi necessário perguntar duas vezes. Afinal, nada de novo acontecia no dia a dia daquele recluso mundo, face ao que não iria perder a oportunidade de conferir. Levantei-me de um salto, e logo estávamos passando pela sala em direção à escada que leva ao piso superior. Enquanto subíamos, contou-me, por alto, ser tradição, em alguns lugares, de na noite de véspera de seu dia os Reis Magos saírem de casa em casa com sua trupe para, segundo já mencionado, anunciar a todos o nascimento do Salvador.

Um detalhe veio a despertar minha atenção:

— A senhora quer dizer que eles vão a *todas* as casas?! — perguntei; e acrescentei, sem dar tempo à resposta: — Neste caso, pode ser que venham também aqui, não é mesmo? — quis saber, ansiando por uma resposta afirmativa.

Contudo, para meu desencanto, respondeu-me que nunca, antes, tinham vindo para aqueles lados de Santa Rosa, já que nossa casa ficava por demais retirada da comunidade e do próprio caminho, por sua vez uma rele trilha quase sempre encoberta por denso matagal.

— Mas quem sabe... desta vez... eles não venham também aqui... — por fim conjectura, a reacender minhas esperanças.

O sótão era onde se guardava todo tipo de tralhas, baús com roupas velhas, ferramentas, mantimentos, caixas e sabe-se lá o quê. Era também o dormitório “dos homens”, vale dizer, de meus irmãos da primeira leva, conquanto a rigor apenas um ou outro já houvesse passado da adolescência; e, como tal, uma espécie de reduto exclusivo deles, onde, por razões de hierarquia ou privacidade, a presença de crianças nem sempre era bem-vinda.

Mas não foi o que veio a acontecer naquela noite. Ante o inusitado dos cânticos e da iminente passagem dos monarcas, os donos do lugar se viram na contingência de abrir exceção inclusive para minhas irmãs. Meu irmão logo acima, o que me acordou e depois sumiu, também estava lá. Embolados diante da janela voltada para a várzea, os menores se postavam à frente, colados ao parapeito, onde se mantinham agachados para os da camada seguinte também poderem ver. Já os maiores, na retaguarda, não lhes restava senão esticar o pescoço e ficar na ponta dos pés; ou subir em caixotes, só assim lhes sendo possível perscrutar o que porventura viesse a acontecer ao longe.

A impressão era de que eu jamais poderia transpor aquela paliçada compacta de pés e pernas. Todavia, bastou mamãe tocar de leve no braço do primeiro para, como num passe de mágica, cada qual se afastar um pouco para abrir-me caminho. De resto, nenhum olhar enviezado em minha direção. Ao contrário, talvez ainda imbuídos do espírito de Natal, o semblante de todos

era, antes, solícito e receptivo. Com o que, sem maior esforço, de lance em lance consegui aflorar à frente, com o peito colado à parede e o queixo apoiado no parapeito.

Olho para onde todos olham e vejo um clarão resplandescendente sobre o morro que dá para São Miguel; e, como a compor ainda mais belamente o resplendor inicial, facho de luz como que afloram da terra e deslizam pelo cume, banhando tenuemente a paisagem e fazendo cintilar os olhos arregalados de cada um de nós.

À medida que o clarão avança, os cânticos se avolumam, e as luzes andantes me fazem imaginar uma caravana fantástica que, sem tocar o chão, desloca-se lentamente pelo topo da colina, depois desce pela encosta, em diagonal, e por fim vem flutuar pela várzea, ao longo do córrego de que o nosso é tributário.

No entroncamento, e ao contrário do que se esperava, deixam o caminho principal e dobram à direita, podendo-se então divisar, de mistura aos acordes das músicas entoadas, um surdo tropel de passos em nossa direção:

— Estão vindo pra cá!!! — um exclama, para a exaltação de todos.

Extasiado, sinto a pulsação acelerar; e mais ainda à medida que a trupe se avizinha e os cânticos se tornam inteligíveis o bastante para os compreendermos: “Ó de casa, nobre gente,/ Escutai e ouvireis,/ Lá das bandas do Oriente/ São chegados os três Reis...”<sup>1</sup>

Vida cingida às cercanias da pequena colônia, a trova faz-me supor que o Oriente fique lá pelas quebradas de São Miguel, de onde de fato vieram, localidade tão próxima que daria para ir num pé e voltar no outro, mas que só mais de meio século depois me seria dado conhecer.

A comitiva avança para o terreiro e se posta diante da entrada principal. Descemos a tropeções. Na sala, lamparina acesa na mão, papai garante portas e janelas, como a esperar o momento certo de abri-las, o que nos leva a perscrutar o exterior através de frestas que o tempo e as intempéries terminaram por criar aqui e ali.

Inevitável carregar nas tintas sempre que a mente passeia por aqueles tempos distantes; posto que, vejo-o agora, tudo não passava de um reles grupo mambembe de simplórios colonos, que, para o deleite da comunidade nascente, tiveram a ousadia de reinventar o teatro naqueles ermos confins. Contudo, ante o inusitado do espetáculo, foi desse modo que me pareceu visualizar a apresentação em desenvolvimento, ou assim interpretei do que mais tarde me foi contado por meus maiores, a imaginação se incumbindo de fantasiar em cores de viva aquarela todo o episódio.

Estrofes se sucedem em versos rimados, ritmados, chorosos. Grandiloquentes. Um a reportar a saga dos monarcas errantes ao seguir sua estrela desde os confins do Oriente, outro a exaltar os elevados propósitos de que estão imbuídos, e outro mais a convidar o recatado colono a engajar-se sob o dístico de seu mote e o desfaldar de sua bandeira: “Ó sinhô dono da casa,/ Abra a porta e acenda a luz,/ Venha ver como é bonito/ O retrato de Jesus...”

Papai acede e faz como lhe é pedido; e, ao abrir portas e janelas, foi como se descerrasse a cortina de um palco fantástico. Coço os olhos ainda areentos. É eletrizante. Acompanhando o gestual majestático dos reis a prestar honrarias aos de casa, toda a trupe se reclinava em amplas reverências e estudados salamaleques, a saudação peculiar dos muçulmanos a dizer “a paz esteja contigo” — gesto a que, algo desengonçados, tentamos retribuir mas nos faltava jeito.

À frente, diante de nós, a bandeira principal estampa em figuras reluzentes a Sagrada Família, Maria e José a velar pelo Menino, e este a repousar serenamente na manjedoura humilde mas gloriosamente iluminada por um halo de luz celestial. E em toda a volta, coloridos e cintilantes estandartes e adereços tremulam ao ritmo contagiante de canções e danças, com o que a indumentária da trupe rebrilha intensamente à luz bruxuleante e fumacenta de faróis.

Em minha fantasia de infância, eram os próprios Reis Magos que estavam ali, cada qual a simbolizar uma das raças primitivas da Terra — a branca, a amarela e a negra —, todavia unidas

<sup>1</sup> Esta e as trovas subsequentes foram colhidas do cancionário popular alusivo a reisadas.

sob o mesmo espírito de fraternidade e ante o signo de um único Deus: longas e cerradas barbas a traduzir sabedoria e dons divinos, coroas cravejadas de pedrarias a exprimir soberania e majestade, e suntuosos mantos estrelados e cetros reluzentes a simbolizar glória e poder.

Também ricamente vestidos, príncipes, áulicos e cortesãos exibem vistosos turbantes, fardões ornados de galões e alamares, e sabres encurvados a pender dos cintos. Por sua vez, guardas empunham grandes escudos e compridas lanças, e de seus cinturões pendem longas espadas cujas bainhas por vezes roçam em seus sandalhões rústicos.

Por último, lacaios, serviçais e a plebe. No todo, um misto harmonioso de cantadores e tocadores de viola, triângulo, zabumba, e também de pandeiros, pífaros e timbales, as percussões a marcar o ritmo de cânticos que ecoam na noite plena de magia e irrealidade: “É de paz, é de alegria,/ É do amor a mensageira./ Ó senhor dono da casa,/ Vem buscar nossa bandeira.”

Papai desce para o terreiro, toma solenemente o estandarte e retorna, seguido pelos monarcas e respectivo séquito. A entrada é apoteótica. Triunfal. Mal cabem tantos personagens de sonho na sala diminuta. Lamparinas acesas por toda parte, o próprio lampeão ocupa o lugar que somente em ocasiões especiais lhe é devido, no alto da parede. Tudo rebrilha, e a casa se enche de musicalidade e encanto: “A bandeira acredita/ Que a semente seja tanta,/ Que esta mesa seja farta,/ Que esta casa seja santa...”

Imagino-me na própria Belém de que nos fala a história da Natividade; onde, de um mísero estábulo nas cercanias da cidade primitiva, emana o resplendor de uma lâmpada a óleo: encurvados sobre a manjedoura, Maria e José contemplam o Menino, que, envolto em panos, sorri para a luz...

Tomado de encantamento, sequer percebo a ausência de minha mãe e algumas de minhas irmãs; que, na cozinha, se põem a trabalhar febrilmente: enquanto a água aquece, moem café, batem ovos e preparam massas de farinha de trigo, fubá, polvilho, açúcar e banha; a tempo de, no intervalo, os visitantes serem servidos como lhes convém: café fresco, bolinhos fritos, aipim com mel e coisas do tipo — quitutes improvisados, preparados de afogadilho, mas nem por isso menos deliciosos.

Não dispondo de vinho com que obsequiar os visitantes, papai vai ao fundo da despensa e retorna com um litro de aguardente, pondo-se a fazer as honras da casa. Aos monarcas, primeiro: Baltazar segura o pequeno copo e o estende para que o anfitrião o sirva. A seguir, leva-o tremulamente à boca, prende a respiração e sorve o elixir em um só gole. Cena nada edificante para um rei; que, algo sufocado, esbugalha assustadoramente os olhos e a real boca se contorce numa careta medonha. Minissobras dispensadas a um canto, o copinho vai para o rei seguinte e o cerimonial se repete; passando, a seguir, de mão em mão e de boca em boca até o mais humilde serviçal — conquanto a maioria prefira mesmo ater-se ao cafezinho recém-coado e aos irrepreensíveis acepipes adrede preparados.

Segundo ato. Num baixo tonitruante, Baltazar dá o tom: um dó; a que, num barítono límpido e profundo, Melchior responde com um mi; e, num forte e reverberante tenor, Gaspar o faz com um sol. Seguem-se plangentes contraltos e agudos sopranos, e o acorde se forma: a trupe de novo ataca, enquanto um serviçal cuida de recolher óbolos; no caso, de um único doador, meu pai, que, na medida do possível, procura não fazer feio: “Deus vos salve, ó bom devoto/ Pela esmola em vosso nome/ Dando água a quem tem sede/ Dando pão a quem tem fome...”

Seguem-se novas e grandiosas trovas, e fica evidente que o ato se aproxima do epílogo. De novo a entremear cânticos, mesuras e salamaleques, a comitiva se despede; e, tendo à frente o estandarte maior, reis e séquito aos poucos deixam o a um só tempo modesto e grandioso recinto e retornam à poeira dos caminhos: “Bandeireiro se despede,/ a viola está tocando,/ o Divino vai-se embora,/ pra voltar no outro ano...”

Tragados pela escuridão, em pouco os personagens retornam à condição de reles fachos de luz a deslizar sobre o nada. Também se dissipa o tropel de passos, os cânticos amortecem, e em

minutos tudo não passa de um longínquo murmúrio a ecoar por encostas e perder-se nos confins das matas, todavia a restar impregnado no coração e na mente dos que ficam...

...oOo...

Passa-se o tempo. Quanto?!... O mecanismo do relógio dá sinal, mas, por falta de corda, nenhuma pancada advém. Olho inutilmente para o mostrador: sem compreender o mistério da numeração romana e a posição relativa dos ponteiros, fico sem saber as horas.

Volto para a cama; mas dormir, quem há de? Um galo canta... outro, distante, responde... e, logo, outros mais..., talvez de nosso ainda mais pobre meeiro... ou de colônias vizinhas...

É a sinfonia da madrugada, seis de janeiro, dia dos Santos Reis...

Tempos mágicos...